

A INTEGRAÇÃO AGROINDUSTRIAL NO TRIÂNGULO MINEIRO: A REZENDE ALIMENTOS

João Cleps Júnior ¹, Djalma Ferreira Pelegrini ²

1 - Doutor em Geografia Física, Universidade Federal de Uberlândia, jcleps@ufu.br

2 - Mestrando em Geografia - UFU, djpelegrini@hotmail.com

ABSTRAT - The research is a study about the relationship and the harmony of interests between chicken farming, pig farmers and the integrated agroindustry, in the case of Rezende Alimentos, recently bought by Sadia Group, having the industrial complex installed in Uberlândia, Minas Gerais. Various companies, some transnationals, have been installed in the region of Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, establishing contracts with producers of milk, tomatoes, sweetcorn, peas, swine, chicken farming and soy. The research was conducted by means of interviews with integrated agriculturalists, representatives of the integrated company and political leaders of the rural section of the region. Preliminary data reveal the predominance, between integrated parts, medium and great producers, who are directing production activities in a business-like-way using hired workers. This configuration presents, according to the new standards of accumulation in this present phase of capitalist restructuring, in which the industries classify advantages in scale and rapidity in the incorporation of technological innovations in the producing systems. Besides, these agriculturalists have other sources of income, which give, them power to negotiate with the integrated industries. For the reason that, in the middle of the question there is a possible paradox between integrated rural production, the way in which, it was established and the accumulation agroindustrial models, revealing the possibility of real gain for the producers facing the integrated agroindustry, through political action.

Keywords: Integration, agroindustry, agriculturalist, swines, bird breeding.

A reestruturação do sistema agroalimentar no final do século XX

A modernização da agricultura brasileira tem sido entendida como um processo de incorporação de setor agrícola nacional às regras do jogo do capitalismo oligopólico contemporâneo. É notória, a incapacidade da agricultura em comandar o processo de geração de novas tecnologias, com as inovações tendo origem nos setores industriais ou sendo forçadas pelos grandes distribuidores. Além disso, observa-se a impossibilidade de os agricultores fixarem preços para seus produtos, “dada a

formação de importantes grupos oligopólicos à montante e à jusante, processo denominado por tesoura de preços” (Leite, 1992:08).

A agricultura persiste, porém, como atividade de base na rede alimentar, ainda que não preponderante na produção de valor e de poder de decisão nas configurações da rede. A questão que se coloca, então, é compreender as transformações em curso, sem subestimar as interações existentes entre os fatores técnicos e não técnicos (Ferreira, 1993). Para esta autora, há uma tendência ao desenvolvimento de articulações

contratualizadas entre agricultura e indústria, devido às condições atuais do mercado alimentar internacional, onde: *“O desenvolvimento de uma economia contratualizada responderá por novos parâmetros marcados pela flexibilidade e pela interação adaptativa, ou solidariedade, entre os diferentes atores da produção”* (Ferreira, 1993:159).

O panorama econômico mundial descrito por Castells (1999:21), revela que: *“o próprio capitalismo passa por um processo de profunda reestruturação caracterizado por maior flexibilidade de gerenciamento; descentralização das empresas e sua organização em redes tanto internamente quanto em suas relações com outras empresas”*.

A reestruturação dos padrões de acumulação capitalista têm provocado um profundo processo de transformação do sistema alimentar mundial, tanto na base tecnológica como nos padrões de consumo. No âmbito da indústria, segundo Wilkinson (1989), inovações e capacitação tecnológica têm se tornado temas centrais, paralela a uma onda de fusões. Observa-se uma tendência à ampliação da disponibilidade de produtos agrícolas, através de constantes aumentos nos índices de produtividade. Além disso, o aumento da “intercambialidade” tem provocado aumento na concorrência entre os diversos produtos, num

quadro geral de superprodução e estagnação de demanda para os principais produtos agrícolas.

Neste contexto, o domínio das biotecnologias, da microeletrônica, da automação e das tecnologias da informação vem provocando um impacto fundamental tanto na reestruturação industrial, como na produção vegetal e animal. A modernização da agricultura, ao provocar uma ampliação e um aprofundamento das relações da agricultura com outros setores da economia, traduz-se também em um crescimento significativo de sua dependência frente aos setores industriais e comerciais.

O final da década de 80 marca uma nova fase na agricultura brasileira, caracterizada principalmente pela significativa redução do crédito agrícola oficial, com a redução considerável da intervenção do Estado, e pela intensificação da dependência da agricultura frente aos setores mais organizados da economia: financeiro, industrial e comercial. Tais transformações estão relacionadas à alteração no padrão de acumulação, nos centros mais dinâmicos do capitalismo mundial.

A face mais modernizada da agricultura brasileira incorpora práticas como irrigação, plantio direto, intensa mecanização e utilização de insumos modernos. Utilizando as modernas tecnologias de informação e imagens de satélite, mais recentemente vem se difundindo a agricultura de precisão, especialmente na região dos cerrados.

No setor de carnes, grandes projetos de integração têm sido anexados e implantados principalmente pelos grupos como a Sadia e Perdigão. Tais projetos, baseados na região central do país, dão preferência a contratos com médios e grandes produtores, que detêm maior capacidade de investimento e adoção de inovações, objetivando redução de custos administrativos e de transportes. De acordo com Wilkinson (1999:42), a forma mais atual de conexão da agricultura com os outros setores da economia, diz respeito às configurações em rede. Nas configurações em rede, o processo de geração e de adoção de inovações tecnológicas é comandado pela indústria ou pela rede de distribuição, sendo que aos produtores resta a adequação aos quesitos exigidos.

A agricultura contratualizada teve seu início em países capitalistas avançados exatamente na avicultura e suinocultura, estando porém restrita à produção de alguns gêneros como carnes, legumes, leite e frutas, havendo no entanto uma tendência ao desenvolvimento desta forma de articulação entre agricultura e indústria em outros setores, devido às condições atuais do mercado alimentar internacional.

O estudo da agricultura de integração, vista como tendência atual, oferece a possibilidade de crescimento na compreensão da moderna agricultura capitalista, não só de seus aspectos técnicos, organizacionais e mercadológicos, como também dos desajustes e contradições que se manifestam no meio

rural e que se expandem para o conjunto da sociedade.

As agroindústrias optam pelo processo de integração como uma maneira de obter matéria-prima a um custo menor do que a produção própria (onde há investimentos em terras, instalações, máquinas, além dos custos de administração e de mão-de-obra). Por este meio, tais empresas obtêm as matérias-primas em quantidade, qualidade e tempo adequado ao ritmo do processo produtivo, possibilitando a adaptação às condições instáveis de mercado (Ferreira, 1993). Segundo esta autora, os agricultores decidem pela integração motivados pela garantia de escoamento do produto, produção ininterrupta, maior facilidade de acesso ao crédito e incorporação mais rápida de inovações tecnológicas.

Para Sorj et al (1982), existe uma tensão básica na relação entre produtores, agroindústrias e as empresas de distribuição, pois quanto menor o preço pago aos produtores, maiores serão os lucros das empresas e a sua competitividade no mercado.

Nas relações contratuais, a solidariedade econômica é paralela às relações de conflito, negociação e dominação e se traduzem por diferentes estratégias de confrontação e/ou de acomodação, segundo Ferreira (1993). Neste contexto, no confronto com as agroindústrias e as grandes redes de

distribuição, as desvantagens recaem em maior número para os produtores, traduzindo-se em diminuição da capacidade de gestão do empreendimento, riscos de rescisões contratuais, além do fato de que a contratualização não implica necessariamente na melhoria de sua situação sócio-econômica. Porém, para estes a possibilidade de interferência sobre o sistema não é fechada, podendo constituir grupos de negociação e de pressão e assim provocar alterações nos preços de produtos e mesmo nas cláusulas contratuais.

Um estudo da integração, a partir do projeto da Rezende Alimentos

A produção agropecuária, integrando indústria e produtores, vem sendo adotada há vários anos em países capitalistas desenvolvidos e não é novidade no Brasil. Há exemplos implantados a mais tempo na Região Sul, com desdobramentos para o Centro-Oeste e Sudeste, concomitantes ao rápido crescimento da indústria de carnes (especialmente de aves e suínos) nas décadas de 60 e 70.

Diversos autores têm se preocupado em estudar e caracterizar o relacionamento dos produtores com a agroindústria, especialmente no que diz respeito a projetos instalados no sul do Brasil. Delgado (1985), denomina de produtores associados, aos fornecedores da grande agroindústria nos ramos de avicultura, fumicultura, vitivinicultura, suinocultura, fruticultura, etc,

incluindo-os no grupo dos pequenos produtores tecnificados. Esse autor afirma que o complexo agroindustrial expropria dos produtores renda da terra e lucros, mediante a imposição de condições de monopólio na determinação de preços industriais que terminam por deteriorar os termos de troca da agricultura e observa que o grau de autonomia formal desse grupo de produtores é ainda menor que o dos cooperados, pois àqueles não resta nenhuma possibilidade de participar da estratégia de crescimento da empresa ou do grupo econômico a que se ligam como fornecedores.

Os autores que se dedicam a esta questão têm caracterizado a produção integrada no Sul do Brasil como sendo uma atividade típica de pequenos produtores, os quais utilizam mão-de-obra familiar, e cuja decisão de se ligar às agroindústrias se justifica meramente pelas necessidades de sobrevivência, diante de uma conjuntura econômica desfavorável à pequena produção. Tal condição, ao mesmo tempo que lhes garante a regularidade de escoamento de produção, mostra-se freqüentemente desfavorável a esses pequenos produtores. Produzir para uma empresa não foi a única modificação na vida dos seus entrevistados nas últimas três décadas. Eles passaram a tomar emprestado sistematicamente dinheiro do sistema financeiro, a usar insumos modernos e a trabalhar com máquinas.

Segundo Paulilo (1990), produzir individualmente, numa situação onde insumos e produtos circulam no mercado internacional é quase impossível para pequenos proprietários, é por isso que por mais crítico que o produtor seja com relação às agroindústrias, ele nunca propõe o desaparecimento da produção integrada, mas o aumento do poder de barganha dos fornecedores de matéria-prima.

Para Sorj et al (1982), o ramo da produção avícola é a atividade onde os contratos de integração da agroindústria com os produtores ocorrem de maneira mais formalizada, com a subordinação dos últimos às condições de regulação das margens de lucro por parte da indústria.

Numa outra análise, Matos (1996) comparando sistemas de integração em duas regiões, com produtores integrados à Sadia, Perdigão, CEVAL e COOAGRI, relata que essas empresas vêm difundindo entre os seus parceiros a idéia da diversificação da atividade produtiva na propriedade a fim de que a renda do produtor rural não se restrinja unicamente àquela obtida com a avicultura, que embora tenha se constituído em uma alternativa ao desemprego e sub-emprego urbanos evitando sua saída da propriedade, é uma atividade suficiente apenas para a sobrevivência familiar, principalmente durante o período de amortização da dívida do financiamento. Este autor concluiu ser muito

arriscada e não muito compensadora a atividade de criação, o que corrobora a decisão das agroindústrias pela integração e ainda detectou indícios de que os produtores estavam sendo remunerados apenas pelo custo de mão-de-obra e de que algumas atividades não necessariamente integradas subsidiariam aquelas dedicadas à integração.

O modelo de integração da Rezende Alimentos

A expansão acelerada da produção agrícola na região dos cerrados a partir da década de 1970 provocou uma desconcentração geográfica da produção agroindustrial brasileira, principalmente das cadeias de grãos e carnes, bem como de atividades integradas de frangos e suínos, além de outros segmentos como de frutas e vegetais tropicais.

O movimento das agroindústrias tem se configurado espacialmente nas novas fronteiras agrícolas da Região Centro-Oeste, Oeste baiano, Sul do Maranhão, além dos cerrados do Tocantins e de Minas Gerais, passando esse último por um processo de incorporação das áreas de cerrado para a implantação de novos cultivos, praticados de forma intensiva, com alto grau de mecanização e utilização de insumos modernos, particularmente a região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.

A modernização tecnológica no setor agropecuário, principalmente difundida a partir de inovações provenientes do setor produtor de máquinas e equipamentos, insumos e sementes, tem determinado o novo ritmo geral de produção à atividade agropecuária. Esse padrão geral produtivo é imposto, de um lado, a partir de “pacotes tecnológicos” que provêm do setor produtor de máquinas e equipamentos, insumos e sementes e, também a partir da agroindústria e indústria de alimentos, que forçam os estabelecimentos agropecuários modernos a adotarem certos padrões de qualidade e de homogeneidade de produto.

A implantação de agroindústrias no Triângulo Mineiro tem uma relação direta com a expansão agrícola sobre as áreas de cerrados, que se inicia com os programas de incentivos: POLOCENTRO – Programa de Desenvolvimento dos Cerrados e PRODECER- Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento dos Cerrados; cujos resultados efetivos foram principalmente a adaptação de novos cultivos e investimentos em infra-estrutura (estradas, energia, silos, armazéns, etc.). Com as novas possibilidades dadas pelos avanços tecnológicos e conquistas da agropecuária brasileira, a região dos cerrados conheceu uma grande diversificação de atividades, incluindo o incremento de grandes cultivos de milho e soja (Cleps Jr., 1998).

Aproveitando este potencial, a Rezende Alimentos (de início, denominada Granja Rezende), uma empresa localizada em Uberlândia, se desenvolveu, tornando-se líder no setor de genética avícola, tendo recentemente posto a funcionar uma moderna fábrica de óleo de soja, uma grande fábrica de rações e um dos maiores frigoríficos da América do Sul, produzindo embutidos de bovinos, suínos e aves.

Para atender à necessidade de matéria-prima para seu frigorífico, a Rezende Alimentos desenvolveu um projeto de integração indústria-produtor, que contava ao final de 1999 com aproximadamente 280 (duzentos e oitenta) produtores integrados nos setores de avicultura de corte e suinocultura. Segundo dados levantados junto executivos da empresa, o frigorífico opera atualmente com capacidade ociosa e a meta é a de se chegar a um número próximo de 750 (setecentos e cinquenta) galpões de produtores integrados.

O moderno complexo de carnes implantado pela Rezende Alimentos no Triângulo Mineiro encontra condições sociais e econômicas e de formação históricas diferentes, em oposição ao do Sul do Brasil, sendo uma versão moderna da criação, especialmente no sub-setor de suínos, diante dos novos padrões e ritmos de transformações do processo produtivo. A Rezende Alimentos ao implantar seu modelo de produção

integrada privilegiou estratégias que se concretizam com base na grande empresa rural, na qual se verifica o dispêndio de um grande volume de capital na montagem da estrutura produtiva. Os galpões de criação vem sendo construídos pelos produtores basicamente com recursos próprios, dada as limitações nas linhas de crédito, o que caracteriza a fase atual da política agrícola.

É característico deste modelo, o elevado grau tecnológico e a rapidez com que as inovações são incorporadas ao esquema produtivo. Outra característica diz respeito à especialização de cada produtor, especialmente a partir do seu projeto de produção de suínos, que foi estabelecido com a seguinte subdivisão:

- Sítio I - destinados à fase de produção de leitões. O projeto mínimo destina-se ao alojamento de 1.040 matrizes.
- Sítio II - destina-se à criação dos leitões na fase de creche,
- Sítio III - Fase de terminação. Com projeto mínimo destinado a 1.000 suínos em engorda.

No caso da avicultura, o “padrão Rezende” projeta galpões para no mínimo 18.000 frangos para crescimento e engorda. A existência de um padrão que define tamanho mínimo e especificações técnicas próprias, exigindo um volumoso dispêndio de capital,

restringiu a adesão de um número maior de produtores ao programa, que ainda hoje se encontra em fase de implantação.

Os produtores são remunerados pela integradora com base nos desempenhos dos lotes de animais entregues de acordo com a fase da criação. Com base nos dados de fertilidade do rebanho (Sítio I), ganho de peso médio, viabilidade e conversão alimentar (Sítio II e Sítio III) compõem-se um índice matemático denominado “fator de produção”. O fator de produção do lote é comparado ao fator de produção médio dos últimos 10 (dez) lotes de animais entregues à integradora por outros produtores, compondo-se um “ranking” entre os produtores. Isso resulta no fato de que a remuneração paga aos produtores é sempre uma expressão do seu diferencial de produção em relação aos outros produtores.

A atenção especial para com o modelo de produção integrada implantado pela Rezende Alimentos se deve a diversos motivos. Em primeiro lugar, porque este programa foi gestado temporalmente e em conformidade com a recente reestruturação industrial, seguindo as tendências atuais do capitalismo internacional, o que pode ser visualizado na qualidade e nível tecnológico do parque industrial desta empresa. A adequação aos novos padrões, também pode ser observada nos galpões de criação, construídos segundo avançado padrão

tecnológico e em grandes dimensões, tendo em vista tanto a padronização e otimização da qualidade dos produtos, como também observando-se vantagens de escala que oportunizam economias no transporte e maiores ganhos industriais, que refletirão favoravelmente na competitividade da empresa no mercado. Da mesma forma, sua rede de transportes terceirizada enquadra-se no novo padrão administrativo.

A constante adoção de inovações tecnológicas em seus diversos segmentos produtivos, presente inclusive nos galpões dos integrados, expressa sua conformidade com o novo modo de desenvolvimento característico da atual revolução tecnológica. Estas características distinguem este programa de outros anteriormente implantados no Brasil, por empresas e cooperativas como a Sadia, Perdigão, Ceval, COOAGRI, etc. Devido a estas características, o programa de integração da Rezende Alimentos desde o seu nascimento, constitui-se em um novo modelo de integração agropecuária no Brasil, uma nova tendência que já pode ser observada em outras regiões, a exemplo do programa de Integração da Perdigão em implantação na Região de Rio Verde em Goiás, que apresenta características semelhantes.

Um ponto de relevância e que deve ser ressaltado, diz respeito ao fato de que a Rezende Alimentos, apesar de incorporar significativos avanços tecnológicos e sinais de

adequação aos novos padrões da moderna indústria, não conseguiu estabelecer seu programa de integração de forma a respeitar os interesses dos produtores, mesmo estabelecidos em contratos, sem lançar mão de imposições. Aliás, este é um ponto comum entre os programas de integração implantados no Brasil; ou seja, mesmo variando-se o nível tecnológico adotado nos diversos programas de integração, continua prevalecendo um quadro de dominação e conflitos entre indústria e produtores, no qual as desvantagens recaem sobre o lado mais vulnerável.

O programa da Rezende Alimentos exige dos produtores grande capacidade de investimento e reinvestimento. Capacidade de investimento para cobrir o grande aporte de capital necessário à implantação de um programa que tem em evidência os ganhos em escala, e capacidade de reinvestimento para dar continuidade à política de frequente adoção de inovações tecnológicas.

Um aspecto singular deste modelo diz respeito ao fato de que muitos destes produtores, são grandes fazendeiros ou possuem atividades profissionais urbanas, como empresários ou profissionais liberais. A grande maioria dos produtores integrados reside fora de suas propriedades, utilizando-se assim de mão-de-obra contratada para a execução das atividades de criação. Além disso, a renda destes produtores não advém

apenas da produção integrada, o que lhes confere maior poder de barganha no trato com a integradora.

O modelo de produção agropecuária integrada da Rezende Alimentos, ao apoiar-se basicamente na agricultura patronal, caminha em sentido contrário à tendência da moderna agricultura dos países capitalistas avançados, baseada fundamentalmente na mão-de-obra familiar, conforme demonstrou Abramovay (1998). Segundo este autor, o crescimento da agricultura patronal no Brasil, é um ponto revelador do quadro de atraso de nossa agricultura.

A crise de relacionamento entre indústria e produtores face à transferência do controle acionário para o Grupo Sadia

Os primeiros contratos estabelecidos pela Rezende Alimentos com produtores datam de meados da década de 1990, quando teve início a implantação do projeto de integração. A análise de tais documentos, que na linguagem jurídica são denominados de “contratos de adesão”, de expressão jurídica discutível, deixa evidente o desequilíbrio na distribuição das vantagens. A partir de 1997, estes contratos vêm sendo paulatinamente afrontados pela integradora, através de alterações impostas de forma unilateral aos produtores, apesar da discordância e resistência de alguns, ainda que de forma isolada.

Conforme constatou Matos (1996), em seu estudo comparativo de alguns programas de integração do Sul e do Centro-Oeste do Brasil, as agroindústrias exigem dos produtores uma completa subordinação ao programa de ações elaborado pela empresa, embora garantindo a absorção de toda produção; verificando-se que esta relação ao ser contratualizada, desnuda uma imensa vantagem do segmento agroindustrial representada pelo poder das empresas integradoras sobre os integrados.

Apesar da garantia oferecida pela integradora de recepção da produção, e da assistência técnica oferecida aos produtores, a lucratividade apresentada pela atividade de produção integrada, em geral, é considerada baixa, dado que concorda com as pesquisas realizadas nas integrações no Sul do Brasil. Acredita-se, que esta baixa lucratividade venha a constituir-se em um elemento desestimulador de novos investimentos, por parte dos produtores.

Simultaneamente, uma crise interna motivada pelo controle acionário da empresa impossibilitou a rolagem de débitos frente a instituições financeiras, ocasionando atrasos nos pagamentos das participações dos produtores, o que gerou um clima de instabilidade e insegurança quanto à continuidade do programa de integração. A criação da AST - Associação dos suinocultores do Triângulo, no final de 1999,

objetivava unir forças no sentido de estudar e apresentar alternativas aos produtores de suínos, pelas vias do associativismo.

A crise interna na direção da Rezende Alimentos, culminou com a transferência de 90% de seus ativos ao Grupo Sadia, no final de 1999. A nova direção da empresa, além de não cumprir o cronograma de reajustes dos preços pagos aos produtores, procurou reduzir os preços anteriormente fixados, além de propor alterações radicais nos itens contratuais previamente estabelecidos. As determinações dadas pela empresa adquirente encontrou uma forte resistência, ao confrontar diretamente os interesses dos produtores já organizados através da AST, em torno de objetivos comuns, dando origem a um embate de forças em torno da mesa de negociações.

A solução do impasse através de uma via negociada desenrolou-se de forma lenta, malgrado a experiência e habilidade dos dirigentes da empresa, em face da resistência apresentada pelo grupo de produtores. A capacidade de oferecer resistência através da negociação e ação conjunta, sem dúvida reside nas características próprias destes produtores, como a experiência comercial e a relativa independência financeira conquistada através de atividades empresariais em outros setores, e que torna possível distinguí-los dos produtores rurais típicos.

Aparentemente os indivíduos que têm logrado êxito como modernos agricultores, não são os produtores típicos, mas empresários e comerciantes hábeis. Diante disso, o que fica evidente é o fato de que, sob o ponto de vista da empresa integradora, os produtores tidos como possuidores do perfil ideal, são justamente os que mais podem oferecer resistência às ações da empresa. A Rezende Alimentos ao dar preferência aos produtores-empresários, com capital disponível para um empreendimento de alto custo, e ao integrá-los em seu projeto, encontrou também um grupo com possibilidades de confrontar suas imposições.

Apesar disso, diante do impasse gerado em torno dos preços de remuneração, os produtores cederam às pressões da empresa. As estratégias de negociação planejadas pela AST - Associação dos Suinocultores do Triângulo - foram desarticuladas pelo não reconhecimento de sua legitimidade por parte da empresa integradora, que insistia em fazer as negociações caso a caso com os produtores. Com isso, observou-se a sujeição dos interesses dos produtores às determinações da integradora, malgrado as potencialidades de uma negociação favorável aos primeiros, através da AST, via pressão, inclusive com a possibilidade de fazer parar o funcionamento do frigorífico da Rezende Alimentos.

A operacionalização de um movimento de resistência e reivindicação através da AST, encontrou na barreira da baixa taxa de adesão e mobilização dos produtores integrados, o seu ponto mais vulnerável. Mesmo entre os membros da diretoria da AST, as opiniões não são francamente favoráveis a um acirramento de posições, conferindo vantagens na condução das negociações à empresa integradora, que se mostra bem mais articulada. Entrevistas realizadas com produtores integrados revelam que, em geral, estes se mostram contrários à uma ação política de classe, descartando a possibilidade de realização de um movimento de pressão, por apresentar características que o identificam com os movimentos sindicais de trabalhadores ou com os partidos políticos de esquerda.

A sujeição dos interesses dos produtores integrados aos interesses da empresa integradora, porém, provoca o efeito de desestimular novos investimentos, pelo menos sob o mesmo padrão tecnológico. Nesse sentido, o que ultimamente vem sendo observado, é uma mudança nos padrões tecnológicos e na redução no ritmo de construção dos novos galpões, que se tornou evidente após a transferência do controle da empresa para o Grupo Sadia. Como forma de reduzir os custos de implantação, nota-se que as estruturas metálicas e em concreto premoldado começam a ser preteridas em favor de estruturas de madeira, especialmente na construção de galpões para perus. Na construção

de pisos, agora utiliza-se menos concreto e a limpeza dos galpões é executada com menos capricho nas saídas dos lotes, visando empregar menos mão-de-obra e material de limpeza. Em suma, a redução da lucratividade ocasiona um rebaixamento no padrão tecnológico. Por estes motivos, o modelo de integração da Rezende Alimentos apresenta diversos aspectos ainda passíveis de mudança, passando por um processo de redefinição, antes mesmo de ser concretizada sua implantação.

Segundo Goodman et al (1990), as particularidades naturais dos processos agrícolas conduzem a uma condição de confronto entre capitalismo e agricultura. Sabe-se que em países desenvolvidos, as políticas públicas tem sido direcionadas no sentido de compensar as deficiências do setor agrícola dentro do sistema capitalista, especialmente quando se trata da produção familiar (Abramovay, 1998).

Diante disso, parece não estar claro, que a reestruturação tecnológica se estabelecerá de forma efetiva neste setor da agricultura brasileira, pelo menos enquanto perdurarem as atuais relações de troca entre agricultura e indústria, num quadro em que o papel do Estado ainda é relevante na criação e condução da política agrícola.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. Hucitec. São Paulo. 2ª edição. 1998.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**. Vol. I. São Paulo. Paz e Terra. 1999.

CLEPS JÚNIOR, João. **Dinâmica e estratégias do setor agroindustrial no cerrado: o caso do Triângulo Mineiro**. Tese de Doutorado. IGCE, UNESP. Rio Claro. 1998.

DELGADO, Guilherme da Costa. **Capital financeiro e agricultura no Brasil: 1965-1985**. São Paulo. ÍCONE/UNICAMP. Campinas. 1985.

FERREIRA, Ângela Duarte. Agriculture et réseau agro-alimentaire: Le rôle de la contractualisation. In: GREEN, Raúl H. e SANTOS, Roseli Rocha. **Brésil – un système agro-alimentaire en transition**. CREDAL-IHEAL. Paris. 1993.

GOLDENSTEIN, Lídia. **Repensando a Dependência**. Editora Paz e Terra S.A. São Paulo. 1994.

GOODMAN, David; SORJ, Bernardo e WILKINSON, John. **Da lavoura às biotecnologias: agricultura e indústria no**

sistema internacional. Rio de Janeiro. Campus. 1990.

LEITE, Sérgio. Estratégias industriais, padrão agrário e dinâmica intersetorial. **Rascunho**. Nº 7. UNESP/GCAV. Jaboticabal. 1992.

MATOS, Vítor Alberto. **Estratégias empresariais no setor avícola: Estudo comparativo de duas regiões produtoras**. São Paulo, EAESP/FGV, 1996. Tese de Doutorado.

PAULILO, Maria Ignez Silveira. **Produtor e Agroindústria: Consensos e Dissensos**. O caso de Santa Catarina. Editora da UFSC. Florianópolis. 1990.

SORJ, Bernardo; POMPERMAIER, Malori J. e CORADINI, Odacir Luiz. **Camponeses e Agroindústria**. Transformação Social e Representação Política na Avicultura Brasileira, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

WILKINSON, John. Perfis emergentes no setor agroalimentar. In: **Reestruturação do Sistema Agroalimentar – Questões metodológicas e de pesquisa**. Rio de Janeiro. Redcapa. 1999.

_____. **O Futuro do Sistema Alimentar**. São Paulo. Hucitec. 1989.